

A responsabilidade da Pedagogia e do Pedagogo (empresarial) frente à crise ética e humana¹

Bethânia Pasa*
Arnaldo Nogaro**

Resumo

O dueto ética² e humanidade³ sempre inquietou o espírito humano e por isso é recorrente na literatura acadêmica. A indagação que move a presente elaboração é como a ética e humanidade vêm sendo tratadas pelas empresas e pelo pedagogo empresarial e de que forma elas afetam os rumos da sociedade. O objetivo do texto é demonstrar a importância da dimensão ético-humana nas empresas e no trabalho do pedagogo empresarial para uma melhor qualidade de vida das pessoas que nelas trabalham, da sociedade e do meio ambiente. Para tanto, faz-se, inicialmente, uma contextualização da crise vivida pela ausência da ética e da humanização. Trata-se também do ambiente empresarial e da atividade do pedagogo empresarial e identificam-se possíveis ações no sentido de resgatar a ética e humanidade nessas esferas.

Palavras-chave: Ética. Humanidade. Pedagogo.

Introdução

Ética e humanidade são temáticas que passam longe do ineditismo. Grandes pensadores já falaram com excelência sobre essa questão; portanto, assumir um tema de tamanha envergadura é um desafio imenso, que precisa ser enfrentado com muita humildade. Mas por que insistir num tema tão recorrente na literatura acadêmica? Não é por acaso que o ser humano costuma se preocupar com determinados acontecimentos, fatos ou assuntos. Isso se dá porque eles, de alguma forma, mexem

* Licenciada em Letras e Pós-Graduada em Gestão de Pessoas e Pedagogia nas Organizações Sociais e Empresariais pela URI - Campus de Erechim. E-mail: bethania@itake.com.br

** Doutor em Educação, UFRGS. Professor da URI - Campus de Erechim. E-mail: narnaldo@uri.com.br

Recebido: 15.04.2010 – Aprovado: 19.05.2010

com a vida das pessoas, seja porque alimentam sentimentos de alegria ou tristeza, seja porque desconstróem o estabelecido, não se consomem no vazio da indiferença e do esquecimento.

Pensar a ética e a humanidade tem justamente este efeito: desconstruir o estabelecido e clarear o caminho ao revelar que a negligência desses dois princípios leva a humanidade a construir (?) sua própria degradação. O objetivo deste texto é evidenciar a importância da dimensão ético-humana nas empresas e no trabalho do pedagogo empresarial. Refletir a respeito da contribuição que o pedagogo pode dar na construção-reconstrução da vivência ética e humana nos espaços empresariais.

Ética e humanidade aprisionadas: consequências

A história da humanidade é marcada por diversas crises e, notoriamente, é sua superação que leva o ser humano a alcançar um novo estágio evolucionário. Uma dessas crises foi a do sistema mercantilista e do pensamento clássico que se situa entre as ilusões modernas e as desilusões pós-modernas (RICOEUR, 1987, apud ROCHA, 2007). Disso despreende-se que a crise se estabelece no conflito entre o que está sedimentado como tradição e novas formas de se ver o presente e pensar o futuro. Certamente, uma das crises mais significativas e que determinou os rumos da sociedade ocidental foi o choque do pensamento iluminista e sua razão técnico-científica com

a razão clássica dos antigos e medievais. A partir da razão técnico-instrumental o homem conquista um poder antes reservado a Deus, ele já não precisa ser submisso à vontade divina, pois pode dominar a natureza por meio da ciência. O sentido das coisas é transferido de Deus para o homem. Entretanto, a mesma racionalidade técnico-instrumental que proporcionou tantos avanços também se configurou como uma grande ameaça de destruição. Estabelece-se uma nova crise. É dessa crise que trata este capítulo e de suas consequências para as ciências, para o meio ambiente, para a sociedade e para a economia.

A razão, cuja expressão máxima é a razão instrumental-analítica, proporcionou saber e poder de dimensões outrora inimagináveis aos seres humanos, mas, por outro lado, influenciou a ética ocidental de forma perigosa. Boff (2003) ilustra a interferência da razão na ética a partir de alguns pontos que serão abordados a seguir.

Em primeiro lugar, a razão particularizou o conhecimento, detém-se até hoje mais nas partes do que no todo, o que levou a ética a desligar-se da voz interior e buscar escutar a voz da ordem, da norma de origem externa, mas que acabou sendo internalizada. Em segundo lugar, a ética se fragmentou de acordo com os ilimitados saberes, vestiu-se com diferentes roupagens conforme cada profissão, cada classe, cada cultura.

Seguindo a mesma ideia de fragmentação, percebe-se que a razão separou o que, de acordo com Boff, sempre vem junto: masculino e feminino, corpo e espírito, Deus e o mundo, razão e emo-

ção, privado e público. E, mais uma vez, dividiu a ética em “[...] pública e privada, ética dos interesses e dos princípios, dos meios e dos fins” (BOFF, 2003, p. 43).

Em quarto lugar, é preciso reconhecer que a razão foi e é usada como instrumento de poder e dominação. O mundo contemporâneo é o da sociedade do conhecimento, só sobrevive no mercado a empresa capaz de produzir mais e mais conhecimento rentável. Vive-se, assim, menos a ética em si e mais a legalização de “[...] práticas pessoais e sociais aceitas oficialmente, sem se questionar a que servem, se aos interesses da dominação dos poderes estabelecidos, se à sociedade que quer orientar-se pelo bem comum e pela equidade” (BOFF, 2003, p. 43). Em quinto lugar, com tamanha fragmentação da ética, não alcançamos consensos mínimos a serem adotados pelas grandes maiorias.

Em sexto lugar, a ética fechada no âmbito da razão, esqueceu-se da transcendência, da espiritualidade, “[...] aquela dimensão da consciência que permite ao ser humano sentir-se parte do todo e identificar um sentido maior de sua existência e de sua curta passagem por esse mundo” (BOFF, 2003, p. 44). É indiscutível o fato de que a crise perpassa a questão ética, pois, se antes a ética constituía um princípio de harmonia do ser humano com seu próximo e a mãe Terra, passa a ser manipulada pela racionalidade instrumental de modo a ratificar seu poder e interesses. E de que forma isso se reflete nas diferentes dimensões humanas e sociais?

Consequências para as ciências

A base racional que sustenta o ideário iluminista, que deveria trazer luz à humanidade, libertá-la do determinismo de uma ordem supostamente divina, trouxe muitos avanços no campo das ciências, haja vista os progressos nas áreas da medicina e da tecnologia, por exemplo. Tãmanha foi a evolução, especialmente na área tecnológica, que até mesmo a dimensão de tempo e espaço foi alterada na sociedade moderna. Entretanto, por fundamentar-se numa visão reducionista, quantificadora, cartesiana, que pretende explicar o funcionamento do todo por meio da dissecação das partes, acabou por provocar um outro tipo de cegueira. Por tratar-se de uma racionalidade instrumental que se fecha em si mesma é incapaz de compreender as relações entre os seres e destes com o ambiente, o que demandaria uma percepção holística dos fenômenos e compreensão de relações não materiais, não quantificáveis.

O velho paradigma é muito preciso em idéias e valores, que por isso encontram-se profundamente entrenchados. Concebe-se o universo como uma máquina composta por partículas elementares, concebe-se o corpo humano como uma máquina, aposta-se num progresso material ilimitado, convive-se com a crença de que as mulheres são inferiores aos homens. Ainda, a visão de sociedade, concebida como consistindo numa luta competitiva pela sobrevivência, constitui-se numa barreira impedindo o seu entendimento (STRIEDER, 2004, p. 244).

Assim, por ter sido a racionalidade instrumental considerada como princípio absoluto desde os iluministas até os dias atuais, sufocou a ética e a humanidade.

As consequências dessa divinização da razão humana impuseram à humanidade a arbitrariedade de um único modo de pensar admitido como soberano: a racionalidade instrumental. Essa lógica presente e imposta pelo paradigma cartesiano é causa ainda em nossa época de sofrimento, destruição e alienação. Por outro lado, vemos quase que paralisados diante de sua necessária substituição, porque a memória restrita da autoconsciência modernizadora eleva à glorificação as indiscutíveis conquistas da ciência racionalista, relegando, porém, o entorno ambiente, seu sustento (STRIEDER, 2004, p. 238).

São evidentes as limitações do velho paradigma a despeito das contribuições que permitiram ao homem conhecer o mundo, no horizonte de sua possível manipulação: a particularização do conhecimento, a visão afunilada da realidade, a fragmentação do conhecimento separaram o sujeito que conhece – o ser humano racional – do objeto de seu conhecimento – o mundo dos objetos, o que faz o homem assumir uma postura de conquista e pretensa dominação do mundo e de seus semelhantes. Urge a mudança do paradigma-conquista para o paradigma-cuidado (BOFF, 2003).

Consequências para o meio ambiente

O modelo socioeconômico vigente, avalizado por essa racionalidade, caracteriza-se por ser predatório e interferir de forma violenta no ecossistema planetário. A morada da espécie humana e dos demais seres vivos encontra-se seriamente ameaçada pelos impactos decorrentes desse modelo: mudança climática; doenças respiratórias; poluição do ar, águas e solo; erosão; alteração da composição, produtividade e saúde das florestas; diminuição da área coberta pelas matas; menor disponibilidade de água potável; competição por água própria para o consumo; morte de animais aquáticos devido à eutrofização, que provoca a diminuição dos níveis de oxigênio na água; efeito estufa; rareficação da camada de ozônio; produção de lixo tanto em terra quanto no oceano; extinção ou ameaça de extinção de habitats e de seres vivos, entre outros.

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2005) mostram que no século XX houve uma elevação da temperatura média do planeta em torno de 0,6 graus Celsius e as projeções indicam que esse aquecimento continuará. Ainda de acordo com a ONU, a cada ano morrem em torno de cinco milhões de pessoas por falta de acesso à água potável e saneamento básico e quase 30% das pessoas vivem em países com escassez de água em nível moderado a alto. Além disso: estima-se que até 2020 quatro bilhões de pessoas vivam em países ameaçados pela falta de água; constatou-se que entre 1990 e

1995 o consumo de água doce aumentou seis vezes, mais do que o dobro da taxa de crescimento populacional e em 60% das cidades europeias com mais de cem mil habitantes a água dos lençóis freáticos está sendo consumida num ritmo maior que o necessário para a sua reposição.

Outro dado aterrorizante apresentado pela ONU (2005) é expresso por meio de um indicador denominado *ecological footprint*, que em português poderia se chamar “pegada ecológica”.⁴ Este indicador consiste numa estimativa da pressão humana nos sistemas globais expresso em unidades de área. Cada unidade corresponde ao número de hectares de terra biologicamente produtiva necessária para atender a demanda de comida e madeira consumidas pelas pessoas; a infraestrutura que utilizam e para absorver o dióxido de carbono produzido pela queima de combustíveis fósseis. De 1970 a 1996 o *ecological footprint* mundial expandiu-se de 11 milhões de unidades para mais de 16 milhões de unidades.

Os dados citados vêm referendar o que as pessoas já sentem na própria pele: a cada ano temperaturas mais elevadas, períodos de estiagem antes não enfrentados, deslocamento de massas populacionais em virtude do aumento do nível dos oceanos, altos índices de problemas de saúde, como câncer de pele e problemas respiratórios. Na ótica de Vergara e Branco (2001), na ânsia pelo crescimento econômico e pelo atendimento à demanda gerada por incessantes estímulos ao consumismo, tem-se esquecido que vivemos num ecossis-

tema finito, onde a inconsequência no lançamento de rejeitos e na extração de recursos naturais não tarda a se converter em condições de vida impróprias.

Consequências sociais

A tensão sofrida pelo planeta intensifica-se com o crescimento populacional: ao findar do século XX já se havia superado a casa dos seis bilhões de pessoas e espera-se que até 2050 aumente para 8,9 bilhões de habitantes (ONU, 2005); sendo que esse incremento populacional tende a concentrar-se quase em sua totalidade entre a população mais pobre dos países em desenvolvimento. Isso representa a deterioração no nível da qualidade de vida e mais um obstáculo ao equilíbrio entre a população e os recursos naturais disponíveis.

A dimensão planetária, assim entendida, fundamenta-se numa premissa básica que exige que os equilíbrios dinâmicos e interdependentes da natureza se dêem harmonicamente integrados ao desenvolvimento humano [...]. Em consequência, é preciso enfatizar as interconexões entre os seres humanos, os fenômenos sociais e os naturais. Não podemos, portanto, nos preocupar com a cidadania planetária excluindo a dimensão social do desenvolvimento sustentável. Resulta evidente, portanto, que a ecologia natural não pode se dar sem a ecologia social, e nem uma nem outra podem ser conquistadas sem o concurso ativo e consciente do cidadão ambiental (GUTIÉRREZ; PRADO, 1999, p. 41).

Embora a natureza seja sugada pelo consumismo desenfreado, a humanidade sequer consegue atender minimamente as necessidades de todos. Conforme dados da ONU (2005), 1,3 bilhão de pessoas vive com menos de um dólar americano por dia; 20% da população mais rica do mundo consome 16 vezes mais que os 20% mais pobres; enquanto o número de automóveis particulares na China em 2000 era de cinco milhões, em 2025 deverá chegar a 150 milhões, há, aproximadamente, 160 milhões de crianças subnutridas; mais de 880 milhões de pessoas privadas de atendimento à saúde e 1,5 bilhão de pessoas não tem acesso a saneamento básico e água potável. No projeto do Milênio das Nações Unidas (2005), encontram-se mais alguns dados significativos: ao contrário dos que desfrutam do mundo rico, em que a expectativa de vida é de oitenta anos, a expectativa de vida dos extremamente pobres atinge, muitas vezes apenas a metade: quarenta anos; enquanto de cada mil crianças carentes nascidas vivas é comum que mais de cem morram antes de completarem cinco anos de idade, menos de dez irão morrer no mundo rico.

Consequências econômicas

Não bastassem as abismais desigualdades geradas pelo modelo de desenvolvimento adotado, ele nem mesmo consegue manter-se saudável. O mundo assiste atônito a uma crise financeira mundial, comparável à Grande Depres-

são, que se iniciou em 2008 no grande gigante do mercado: Estados Unidos. O que não deveria passar de uma crise regionalizada no setor imobiliário norte-americano transformou-se numa recessão global. Quando, no 38º Fórum Econômico Mundial de Davos, em 2008, a então secretária de Estado dos EUA afirmava: “Nossa economia continuará sendo o motor que dirige o crescimento mundial. A economia dos EUA é resistente, sua estrutura é sólida e seus fundamentos de longo prazo são saudáveis” (ZERO HORA, 28/1/2009, p. 4), dificilmente alguém apostaria que, um ano depois, seu país estaria a enfrentar uma taxa de desemprego de 7%, com a possibilidade de ultrapassar a casa dos dois dígitos com outras dezenas de milhares de demissões anunciadas e um PIB trimestral já negativo (ZERO HORA, 28/1/2009). Tampouco empresários e investidores esperavam que a crise se generalizasse de forma tão rápida e tão séria; a título de ilustração, observem-se as demissões nas empresas metalme-cânicas, calçadistas e de vestuário no Rio Grande do Sul naquele período.

Os mesmos defensores do mercado absoluto, livre de qualquer intervenção estatal antes da crise, hoje esperam por pacotes bilionários de recursos estatais para que possam se manter ativos. Diante disso, é necessário afirmar que: “É frágil e efêmera a insistência de que o desenvolvimento deve ainda submeter-se exclusivamente às forças do mercado.” (STRIEDER, 2004, p. 156). Um mundo que privatiza ganhos e socializa custos é insustentável. Para que a sociedade seja sustentável, terá de enfrentar

o desafio de desenvolver “[...] uma nova maneira de ver, focalizar e viver nossas relações com o planeta Terra e tudo o que essa consciência planetária supõe: tolerância, equidade social, igualdade de gêneros, aceitação da biodiversidade e promoção de uma cultura da vida a partir da dimensão ética” (GUTIÉRREZ; PRADO, 1999, p. 31). Mais do que nunca o ser humano precisa resgatar a ética e reconstruir a humanidade e transformar suas relações de poder e dominação em relações de respeito e harmonia entre seus semelhantes e com o planeta Terra.

A moderna figura do pedagogo empresarial e sua responsabilidade frente à crise

Diante da dificuldade de a educação escolar atender às necessidades empresariais, cada vez mais empresas levam a educação para dentro dos seus ambientes, como forma de encontrar soluções adequadas e ajustadas às suas demandas. Toda mudança concentra em si aprendizagens e o pedagogo, profissional dedicado ao conhecimento profundo dos processos de ensino-aprendizagem, é o colaborador requisitado pelas empresas que buscam acompanhar e sobreviver à roda-viva da mudança que vem engolindo aqueles que não a acompanham.

Quando Ford implantou seu método de produção, revolucionou a indústria por tornar o processo muito mais produtivo. Anos depois, após muitos avan-

ços nos processos e na tecnologia, num mercado terrivelmente competitivo, em que os recursos materiais estão cada vez mais semelhantes entre as empresas, é no ser humano e nas suas relações que reside o diferencial do mercado.

Só o fato de a empresa ser formada por um grupo de pessoas a fim de desenvolverem uma atividade com um propósito definido (HOLTZ, 2006) já justificaria a presença do pedagogo, pois configura a empresa como espaço aprendente e o pedagogo é o profissional que conduz o comportamento humano em direção à aprendizagem. Assim, a missão da Pedagogia nas empresas relaciona-se à

[...] busca de estratégias e metodologias que garantam uma melhor aprendizagem/apropriação de informações e conhecimentos, tendo sempre como pano de fundo a realização de ideais e objetivos precisamente definidos. Tem como finalidade principal provocar mudanças no comportamento das pessoas de modo que estas melhorem tanto a qualidade do seu desempenho profissional quanto pessoal (RIBEIRO, 2003, p. 10).

Por isso, para atuar na empresa, o pedagogo precisa ser pesquisador, empreendedor e criativo. É necessário ter conhecimento da empresa, de sua organização, saber como é e funciona a visão administrativa, pois atende as pessoas num contexto bem específico: o do seu trabalho. Ele precisa circular por toda a organização, o que exige alta performance nas relações interpessoais, integração à corporação, conhecer os valores que a sustentam.

A matéria-prima do trabalho do pedagogo é o ser humano em sua complexidade; por isso precisa desenvolver uma visão de totalidade apurada do ser humano. Esse é o grande trunfo deste profissional para adentrar no ambiente empresarial. Enquanto o pessoal da saúde no trabalho analisa principalmente as condições fisiológico-biológicas dos trabalhadores e do ambiente de trabalho, o psicólogo trata das condições emocionais e o pessoal do departamento financeiro cuida da remuneração, o pedagogo é instigado a enxergar a totalidade dessas relações, a “desdepartamentalizar” o ser humano nas empresas.

Para Holtz (2006), o pedagogo precisa conhecer tudo que diz respeito ao ser humano na ordem individual, social e espiritual. Por isso, precisa dominar as ciências do homem considerando a si próprio (Psicologia Educacional, Ciências Biológicas, Antropologia e Ciências Religiosas), as ciências do homem considerado em grupo (Sociologia, Geografia Humana e Estatística) e as ciências filosóficas (Filosofia e Filosofia da Educação). Essa bagagem toda se justifica porque a “[...] Pedagogia estuda e aplica princípios para um programa de ação, com os meios mais eficientes de formação, aperfeiçoamento e estímulo das faculdades da personalidade humana, de acordo com ideais e objetivos adequados a uma determinada concepção de vida” (HOLTZ, 2006, p. 28).

A concepção de vida, no caso da pedagogia empresarial, será fortemente influenciada pela política de recursos humanos (RH), missão, valores e cultura organizacionais. Porém, cabe consi-

derar que a Pedagogia não pode eximir-se de também provocar mudanças no sentido de tornar os colaboradores mais conscientes de si, dos outros e de sua realidade a fim de que sejam capazes de interferir positivamente no ambiente em que vivem.

Nosso planeta clama por criadores de uma nova realidade, criadores de um amanhã diferenciado. Para isso é necessário pensar algumas questões: Que clima se procura vivenciar? Quais valores cultivar? Quais os objetivos de vida dos indivíduos e das organizações? Que aprendizagens deseja estimular? São questões certamente pertinentes, das quais o pedagogo empresarial não pode fugir. Onde buscar as respostas? Elas não estão prontas e talvez nunca estejam, pois a aprendizagem é um fazer contínuo de reflexão sobre a realidade e interferência nela, num vai-e-vem ininterrupto. Algumas luzes já foram lançadas por vários pensadores, entre eles, Morin (2000) que, ao falar dos “Sete saberes necessários à educação do futuro”, refere-se a saberes que não são exclusivamente escolares e, sim, a saberes essenciais à vida no século XXI, os quais não poderiam ser ignorados neste trabalho.

O primeiro saber citado diz respeito às cegueiras do conhecimento – o erro e a ilusão. Para Morin (2000), o conhecimento como processo inacabado que é, não é perfeito em si mesmo, por isso, é preciso estar atento ao risco do erro e da ilusão que podem ser conduzidos pelas características mentais, cerebrais e culturais do conhecimento humano, por disposições psíquicas e culturais. Reco-

nhecer que o conhecimento humano tem suas fraquezas, que está sujeito ao erro e à ilusão permite questionar o estado de coisas estabelecido a partir do que se conhece e exige um não conformismo diante das situações que não respeitem o ser humano.

Não menos fundamental é ensinar o princípio do conhecimento pertinente, pois se vive numa aldeia global, as pessoas são (ou deveriam ser) cidadãos do mundo, o que leva à necessidade de fomentar “[...] o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais” (MORIN, 2000, p. 14). É preciso acordar para a cidadania global que já faz parte do dia a dia, desconhecida e/ou negligenciada pela maioria, conhecida por alguns e assumida de forma responsável por poucos. Para Strieder (2004, p. 345), as “[...] redes humanas, precisam ser plan-tadas, para que possam dispor do potencial criativo e também dos frutos do potencial produtivo de forma coletiva”.

Para Morin (2000), ensinar a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. Há a necessidade de reintegrar a unidade e complexidade humana no ensino para que as pessoas possam ser cientes de sua complexidade e do que têm em comum com os outros seres humanos, já não cabe mais o pensamento dualista que por tanto tempo orientou a humanidade e a desintegrou.

Ademais, faz-se essencial uma educação capaz de despertar/inscrever, em cada um dos habitantes deste planeta chamado Terra, a consciência antropológica, a consciência ecológica, a cons-

ciência cívica terrena e a consciência espiritual da condição humana, ou seja, ensinar a identidade terrena. Todos os saberes propostos por Morin (2000) até aqui mencionados – o saber relacionado às cegueiras do conhecimento, ao princípio do conhecimento pertinente, o saber relativo ao ensino da condição humana e o saber referente à identidade terrena – colocam muitas vezes o ser humano numa arena de incertezas. O pensador reconhece que a evolução das ciências ampliou e muito as zonas de incerteza com as quais se precisa conviver, as descobertas científicas são acompanhadas de certa dubitabilidade, ou seja, a verdade de hoje poderá não ser verdade amanhã, por isso a quinta aprendizagem diz respeito ao enfrentamento das incertezas.

“Temos que reconhecer como profundamente equivocada a enganosa falácia de que o cultivo da criatividade competitiva, orientada para a iniciativa privada, será geradora de fraternidade.” (STRIEDER, 2004, p. 351). Isso significa que a educação precisa também fomentar a aprendizagem para a compreensão. Educar para a compreensão é educar para a paz. Numa realidade global a sustentabilidade do planeta está vinculada, entre outras coisas, à capacidade de compreensão; pois fechar-se em si mesmo não leva a outro resultado a não ser a intolerância, o egoísmo, a barbárie. O ser humano em sua fragilidade física (um dos seres mais despreparados para sobreviver) depende imensamente de seu semelhante para garantir sua própria sobrevivência. A compreensão mútua, para um mundo feliz, precisa

sobrepôr-se à barbárie da incompreensão e seus filhotes: racismo, sexismo, xenofobia, fanatismos...

O último saber tratado por Morin (2000) é o da ética do gênero humano: esse saber vem condensar os saberes anteriores e chamar para uma consciência individual além da individualidade. A antropoética precisa se realizar na cadeia indivíduo/sociedade/espécie, onde se alicerça a consciência e o espírito humanos, a fim de humanizar a própria humanidade para que as pessoas de fato respeitem a vida, respeitem o próximo nas suas semelhanças e diferenças, ou seja, na sua identidade e respeitem a casa da humanidade, que é o planeta Terra. Dessa forma o homem estará mais preparado para assumir o seu próprio destino.

Pensar a aprendizagem no novo milênio é pensar uma aprendizagem radicalmente diferente da que se vem fazendo por tantos séculos pela humanidade. Assim como as empresas precisam ser conscientes de seu papel no desenvolvimento de uma nova realidade socioeconômico-ambiental e assumir de forma convicta essa responsabilidade, também a Pedagogia precisa assumir a sua parte, já que lida diretamente com o ser humano em toda sua complexidade e pode tanto contribuir para o seu atrofamento bem como para o seu desenvolvimento. Urge a promoção de aprendizagens que despertem o homem para um novo caminhar, em que se abandone o caminho de autodestruição atualmente trilhado.

Conforme se pode sentir no presente texto, o pedagogo empresarial, para

de fato poder fomentar uma postura ética e humana nas organizações, não pode ser um pedagogo das empresas, ou seja, ser apenas mais um funcionário que abraça as metas da instituição e faz dos processos de aprendizagem “formas” para a preparação de colaboradores adequadamente qualificados para o mercado, de modo totalmente acrítico; deve ser um pedagogo nas empresas, liberto das amarras do pensamento racionalista-instrumental, capaz de entender a dimensão da missão e valores organizacionais, bem como seu reflexo na cultura interna e as consequências disso para a sociedade e o meio ambiente. Esse pensamento é fundamental porque não haverá trabalho frutífero se não for amparado pela missão e valores empresariais. Realizada essa primeira avaliação, o pedagogo poderá identificar a necessidade de reformulação da missão e valores, o que certamente caracteriza um trabalho delicado e lento, que não poderá ser conduzido de forma isolada, mas por toda a equipe de recursos humanos (RH) apoiada pela alta administração, pois mexe com as estruturas institucionais e desestabiliza as certezas.

Superado esse primeiro e imenso desafio, o trabalho em prol da ética e humanidade se tornará viável. Fundamentada nos conceitos de ética e humanidade anteriormente tratados, bem como nos sete saberes elencados por Morin (2000), a ação pedagógica fomentadora de uma postura ética e humana nas organizações deverá promover o ser humano em sua integralidade, não apenas como recurso da empresa.

Isso pode ser atingido por meio da revisão da política de RH, da análise crítica e reconstrução dos instrumentos de avaliação dos colaboradores e da promoção de atividades de integração e lazer e também de momentos para a reflexão sobre angústias e construção de aprendizagens não necessariamente ligadas de forma direta à atividade laboral. São exemplos de temáticas que podem ser abordadas: família, educação dos filhos, vivência comunitária, violência, segurança, drogas, espiritualidade, cidadania, as diferentes formas de preconceito, afetividade, ecologia. Uma sugestão é que essas temáticas sejam desenvolvidas em forma de projetos e que os temas partam das grandes necessidades do grupo, que seja feita a documentação do projeto e que sejam estabelecidos critérios de avaliação das mudanças alcançadas.

Evidentemente, grupos diferentes dentro de uma mesma organização exigirão linguagens e estratégias diferentes. Profissionais envolvidos de forma mais direta com a pesquisa e criação de novos produtos precisarão ser desafiados a assumirem um compromisso com a minimização dos custos socioambientais e, se possível, na reversão desses custos para benefícios para o meio ambiente e a sociedade.

Para o pedagogo “empresarial” aparecem, portanto, algumas possibilidades de fomentar uma postura mais ética e humana nas organizações, tais como tratar o ser humano em sua integralidade, não apenas como recurso da empresa; estimular a aprendizagem consciente e não restrita ao entendimento dos

processos operacionais; ajudar a empresa a compreender as consequências de sua estratégia para o meio ambiente e a sociedade e ser um promotor da RSE verdadeiramente comprometida com uma melhor qualidade de vida das pessoas que nela convivem, da comunidade em geral e de Gaia.

Considerações finais

A ética e a humanidade foram aqui tratadas como princípios de cuidado, amor e responsabilidade em relação às outras pessoas e ao entorno que cerca cada um e a todos, considerando-se a dimensão global. O sentido de humanidade está inserido na ética em toda sua dimensão. Elas constituem-se em pilares-mestre para o agir cotidiano do ser humano, já que a existência de cada um aqui na Terra só se realiza na comunhão com a vida dos demais seres do planeta.

Comungamos com Freire (1997) quando afirma que a estrutura social é obra dos homens e sua transformação também o será. Essa consciência permite identificar a necessidade inevitável da participação das empresas na mudança dos rumos da humanidade, pois são instituições de fundamental importância para a sociedade atual, pelo poder de influência que possuem devido ao seu poder econômico e também por suas competências técnicas. Elas construíram seus aparatos de poder assentadas no racionalismo instrumental e no consumismo desenfreado e irresponsável, onde sucumbem os fatores que sustentam o ambiente. Hoje tal postura

é insustentável, as organizações empresariais devem se responsabilizar pela repercussão de suas ações e assumir uma mudança de paradigma se pretendem continuar a existir, pois o planeta Terra já se encontra no limite de suas forças vitais.

Para Toffler e Toffler (2007), as empresas se consolidaram como instituições essenciais à economia na segunda onda de riqueza e atualmente uma nova onda se encontra em evolução, a terceira, da geração de riqueza a partir do conhecimento. É fato que as empresas já perceberam a importância da produção de conhecimento e da criatividade para a geração de resultados lucrativos, o que justifica os investimentos crescentes nessa área. A escola tradicional, que tão bem serviu aos interesses da onda de riqueza industrial, não mais tem acompanhado o acelerado ritmo das mudanças do mercado. Dessa forma, ao menos no Brasil, uma das soluções encontradas para estimular o conhecimento e a criatividade nas organizações empresariais foi levar o pedagogo para dentro dessas instituições.

As empresas continuam em busca de lucros crescentes e o planeta exige que o ser humano modifique profundamente sua forma de se relacionar: os caminhos a serem percorridos pelo pedagogo empresarial são delicados. Entretanto, é mais do que evidente que esse profissional não pode se omitir. Fundamentado em propostas de um saber mais ético e humano, como a de Morin (2000), o pedagogo empresarial pode, sim, estimular aprendizagens e vivências (que também são formas de

aprendizagem) fomentadoras da ética e da humanidade.

Evidentemente, esta produção é apenas uma gotinha em um oceano, mas é justamente a união de cada gotinha que faz do planeta Terra o planeta Água. Espera-se, outrossim, que além de chamar a atenção para a importância do tema, possa estimular outras investigações. Sugere-se que as próximas pesquisas sejam de campo e venham a diagnosticar, por exemplo, quais práticas pedagógico-empresariais de valorização da ética e da humanidade já são ou poderiam ser desenvolvidas nas empresas regionais e qual a abertura das organizações para que isso de fato ocorra.

A realidade vivida no dia a dia é prova irrefutável da necessária mudança de paradigma: a libertação da ética e humanidade é urgente, mais do que nunca é preciso dar novas asas ao daimon.⁵

The responsibility of pedagogy and the (business) educator before the human and ethnical crisis.

Abstract

The duet ethics and humanity has always disturbed the human spirit, so that is the reason it is recurrent in the academic literature. The question that drives this study is how ethics and humanity are being addressed by companies and by business educators and how they affect the course of society. The aim of this text is to dem-

onstrate the importance of the ethical and human dimension in companies and in the business educator's work for a better quality of life of the people who work inside them, of the society and the environment. Therefore, at first, a contextualization of the crisis experienced by the absence of ethics and humanization is necessary. The text also deals with the business environment and the activity of the business educator, also possible actions are identified in order to rescue the ethics and humanity in these spheres.

Key words: Ethics. Humanity. Educator .

Notas

- ¹ Este artigo é elaborado a partir do trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Pedagogia nas Organizações Sociais e Empresariais na URI - Campus de Erechim.
- ² No texto trataremos a ética, genericamente, como ciência do agir humano.
- ³ Usaremos esta expressão compreendendo-a no sentido usado por Japiassu (1991, p. 123), como conjunto de “[...] características do ser humano, tornando-o diferente dos outros animais. Assim, quando pedimos a alguém para ‘agir com humanidade’; pedimos-lhe que aja com bondade natural, com indulgência, com ‘humanismo’, sem crueldade, com justiça, etc.”
- ⁴ Tradução livre.
- ⁵ Anjo bom e protetor.

Referências

BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

DAVOS, janeiro de 2008: previsões que envelheceram em um ano. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 jan. 2009. Reportagem Especial, p. 4-5.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1999. (Guia da Escola Cidadã, v. 3).

HOLTZ, Maria Luiza Marins. Lições de pedagogia empresarial. *Sorocaba*: MH Assessoria Empresarial. Disponível em : <http://www.mh.etc.br/documentos/licoes_de_pedagogia_empresarial.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2007.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Projeto do Milênio das Nações Unidas 2005*. Investindo no desenvolvimento: um plano prático para atingir os objetivos de desenvolvimento do milênio. Visão geral. Disponível em: <www.pnud.org.br/milenio/arquivos/ResumodoProjeto.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2009.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. *Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa*. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

ROCHA, Zeferino. Ética, cultura e crise de ética de nossos dias. *Síntese - Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 4, n. 108, p. 115-131, jan./abr. 2007.

STRIEDER, Roque. *Educar para a iniciativa e a solidariedade*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi. *A riqueza revolucionária*. São Paulo: Futura, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant; BRANCO, Paulo Durval. *Empresa humanizada: a organização necessária e possível*. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 20-30, abr./jun. 2001.